

# Milton Nascimento - Guardanapo de Papel

tom:

D

Na minha cidade tem poetas, poetas  
 Que chegam sem tambores nem trombetas, trombetas  
 E sempre aparecem quando menos aguardados, guardados, guardados  
 Entre livros e sapatos, em baús empoeirados

Saem de recônditos lugares, nos ares, nos ares  
 Onde vivem com seus pares, seus pares, seus pares  
 E convivem com fantasmas multicores de cores, de cores  
 Que te pintam as olheiras e te pedem que não chores

Suas ilusões são repartidas, partidas, partidas  
 Entre mortos e feridas, feridas, feridas  
 Mas resistem com palavras, confundidas, fundidas, fundidas  
 Ao seu triste passo lento pelas ruas e avenidas

[Refrão]

Não desejam glórias nem medalhas, medalhas, medalhas  
 Se contentam com migalhas, migalhas, migalhas  
 De canções e brincadeiras com seus versos, dispersos, dispersos  
 Obcecados pela busca de tesouros submersos

Fazem quatrocentos mil projetos, projetos, projetos  
 Que jamais são alcançados, cansados, cansados  
 Nada disso importa enquanto eles escrevem, escrevem, escrevem  
 O que sabem que não sabem e o que dizem que não devem

Andam pelas ruas os poetas, poetas, poetas  
 Como se fossem cometas, cometas, cometas  
 Num estranho céu de estrelas idiotas e outras e outras  
 Cujo brilho sem barulho, veste suas caudas tortas

Na minha cidade tem canetas, canetas, canetas  
 Esvaindo-se em milhares, milhares, milhares  
 De palavras retrocedendo-se confusas, confusas, confusas  
 Em delgados guardanapos, feito moscas inconclusas

Andam pelas ruas escrevendo e vendo e vendo  
 Que eles vêem nos vão dizendo, dizendo e sendo  
 Eles poetas de verdade, enquanto espiam e piram e piram  
 Não se cansam de falar do que eles juram que não viram  
 Olham para o céu esses poetas, poetas, poetas  
 Como se fossem lunetas, lunetas, lunáticas  
 Lançadas ao espaço e ao mundo inteiro, inteiro, inteiro  
 Fosse vendo pra depois, voltar pro Rio de Janeiro

## Acordes

